

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Letras e Rimas Quilombolas: Educomunicação Socioambiental em Versos de Resistência

Quilombola's Lyrics and Rhymes: Social-environmental Educommunication in Resistance Verses

Thiago Cury Luiz¹; Michèle Sato²

¹Universidade Federal de Mato Grosso; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; E-mail: thcluiz@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>

² Universidade Federal de Mato Grosso; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; E-mail: michelesato@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9834-4642>

Palavras-chave:
emergência climática;
educomunicação
socioambiental;
fenomenologia; paulo
freire; poética da
linguagem.

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de apresentar e discutir parte dos resultados obtidos com a pesquisa intitulada “Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavalo”, integrante da Rede Internacional de Justiça Climática e Educação Ambiental (Reaja), que conta com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat). A metodologia utilizada é de inspiração fenomenológica e participante, com a realização de cartografias e entrevistas como práxis da investigação. Identificamos que o quilombo é local de conflitos fundiários historicamente constituídos e que a localidade sofre os efeitos mais rigorosos da emergência climática, por se tratar de uma população em situação de vulnerabilidade. Ponderamos, portanto, que a educomunicação socioambiental pode se configurar em um arranjo comunicacional nas fronteiras da educação popular de concepção freireana capaz de expor as mazelas de que são vítimas os quilombolas e o orgulho do território onde vivem e estudam.

Keywords:
climate emergency;
environmental edu-
communication; paulo
freire; language's poetic.

ABSTRACT:
This article aims to present and discuss part of the results obtained from the research entitled “Transmedia phenomenology: mapping the climate in Mata Cavalo”, part of the International Network for Climate Justice and Environmental Education (Reaja), supported by the Mato Grosso State Research Support (Fapemat). The methodology used is phenomenology and participatory, through the development of cartographies and interviews as praxis of research. We identified that the quilombo is the site of historically constituted land conflicts and that the location suffers the most severe effects of the climate emergency, as it is a population in a vulnerable situation. We consider, therefore, that socioenvironmental edu-communication can be configured in a communicational arrangement in the frontiers of popular education of a Paulo Freire's conception, capable of exposing the ills suffered by quilombolas and the pride of the territory where they live and study.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

PARÁGRAFO, LETRA MAIÚSCULA

O texto em tela representa uma fração da pesquisa de Doutorado intitulada “Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavalo”¹, realizada entre 2016 e 2019, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT).

A investigação integrou a Rede Internacional de Pesquisadores em Justiça Climática e Educação Ambiental (Reaja), coordenada pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (Gpea). A Reaja conta com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat) e articula 24 instituições e organizações espalhadas em cinco países: Brasil, Espanha, Portugal, México e Cuba.

Tendo como premissa que o ser humano, a partir da revolução industrial, introduziu mudanças no planeta que condicionaram o clima a antagonismos entre frio e calor, sol e chuva sem a previsibilidade de outrora, o nosso estudo compreende que o colapso climático em voga é um sinal dos tempos: a crise civilizatória pela qual passa o planeta lega às populações em situação de vulnerabilidade as consequências mais hostis, confrontando o conceito de “justiça climática”.

Assim, sob o entendimento de que a educomunicação socioambiental em bases freireanas tem condições de propor um arranjo capaz de expor o contexto de uma comunidade tradicional, o Gpea desenvolveu uma série de cartografias junto ao povo de Mata Cavalo, quilombo situado na zona rural de Nossa Senhora do Livramento. O município se localiza a 50 quilômetros de Cuiabá, capital mato-grossense.

A logística da comunidade é frágil e a morosidade para acertos de terras e burocracias esbarra no racismo ambiental, já que, por serem terras quilombolas, o processo segue mais lentamente que os casos corriqueiros. Há quatro cemitérios em Mata Cavalo, contudo, nenhum posto de saúde. A medicina popular de ervas e plantas, cuja sabedoria é intergeracional e de gênero, é comum transitar de mãe para filha. A pandemia levou várias pessoas, e as mortes são sentidas pelos moradores, assustados com o fenômeno, em uma comunidade desprovida de informações médicas ou sanitárias emergenciais.

¹ Ao longo da pesquisa, estudantes de 13 a 17 anos produziram conteúdos midiáticos em foto, áudio, vídeo e texto, de modo a compor uma narrativa transmídia sobre Mata Cavalo, tendo como pano de fundo, na conjuntura do clima, os quatro elementos bachelardianos: água, terra, fogo e ar.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Na escola, a formação de professores é sempre essencial, ainda mais quando novos fenômenos acometem o mundo inteiro. Torna-se obrigação dos professores estudar o fenômeno para ter compromisso pedagógico e informação acurada. Mas o quilombo não é diferente de nenhuma outra escola brasileira, cujos dilemas pedagógicos estão na dependência de políticas públicas. Más atitudes diplomáticas, por exemplo, ceifam vidas na demora de insumos que poderiam chegar a tempo para gerar milhões de vacinas.

A ocorrência da Covid-19 (Doença do Coronavírus) se agrava, quando, por questões óbvias de isolamento, os tradicionais cursos de formação são suspensos. Num mundo bombardeado pelas notícias inventadas, as *fake news* também estão à espreita dos grandes oportunistas para a venda de remédios. A luta não é somente contra a pandemia, mas ante o jogo perverso que se estabelece na política da terra plana, entre cloroquinas e suplementos vitamínicos de fácil acesso. Houve total ausência de marketing governamental no combate à Covid-19, sem nenhum “*jingle*” no apelo de proteção ou uma propaganda mais insistente que pudesse alertar sobre os riscos da pandemia que, em junho de 2021, ultrapassou a marca dos 500 mil óbitos no Brasil.

Numa emergência sanitária, os institutos e estudos métricos para aferição e projeção do futuro é uma tática crucial de diagnóstico e medidas de proteção. Para a métrica estudada pela Universidade de Washington, a projeção no Brasil, para setembro de 2021, é de 723 mortes (Figura 1).² Por ser hipótese, embora matematicamente provável, a figura expressa a projeção (em linha preta): um agravo superior (linha vermelha) e uma possibilidade inferior (linha verde). O artigo foi publicado em outubro de 2020 para uma estimativa de um ano, para setembro de 2021.

² COVID-19 - Institute for Health Metrics and Evaluation (IHME) – University of Washington
<https://covid19.healthdata.org/brazil?view=social-distancing&tab=trend>.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Figura 1: Métrica da Covid para setembro de 2021 (722.885 mortes)



Fonte: IHME, <https://covid19.healthdata.org/brazil?view=social-distancing&tab=trend>

Embora os estudos métricos sejam apenas hipóteses, as variabilidades dependem de vários setores (STEIN *et al.*, 2021), especialmente quando se trata de uma pandemia que nos obriga a testemunhar e, simultaneamente, protagonizar: viver e ver a morte ao lado. Adoecer e fabricar vacinas em tempo recorde. Usar máscaras e aprender a lidar com solidão nos labirintos das paredes frias que afastam familiares e amigos. Proteger-se e compreender que uma vacina com vetores proteicos não transforma nenhum humano em jacaré.

Nossa pesquisa, felizmente, foi realizada antes da pandemia, no ano de 2018. Entre apertos dos abraços e dos contatos físicos tipicamente brasileiros, universidade e quilombo dialogaram com os saberes sobre a emergência climática. E foi também num dia de curso que debatemos o quanto a natureza tem sido aniquilada pelas ações humanas e que a libertação de patógenos está diretamente associada à destruição socioambiental. Não se tratava de bola de cristal, mas de estudos detalhados sobre as dimensões climáticas e as dramáticas consequências advindas pela própria interferência humana no ambiente.

Por meio de diversas abordagens, didaticamente organizadas entre água, terra, fogo e ar no encantamento fenomenológico de Bachelard, este texto busca dar o foco na importância da comunicação como uma estação primaveril da educação ambiental. É a inauguração de um ciclo que jorra as verdades dos participantes, quando a epistemologia já foi constituída em outra estação, e a práxis mistura-se com as ressignificações da nossa própria leitura do mundo, pois aprendemos em “reciprocidade de consciências” (FREIRE, 1989, p.6). “A leitura

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

do mundo precede a leitura da palavra (...), pois linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 9). A pesquisa em questão envolveu texto, imagem e som, pois são as poéticas das linguagens que reúnem o que o mundo é de fora com o nosso mundo de dentro, na criação educacional que conecta cultura e natureza em cirandas concatenadas.

As dinâmicas envolveram moradores da comunidade e professores e estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda. Em específico, este trabalho se refere às produções de texto desenvolvidas por estudantes dos ensinos fundamental e médio, que participaram das cartografias sobre quatro argumentos midiáticos: foto, áudio, vídeo e texto. Com isso, foi possível construir uma narrativa transmidiática que expusesse o cenário de emergência climática e se constituísse, ao mesmo tempo, como uma manifestação de resistência do quilombo.

Sendo assim, o problema que perpassa a pesquisa é: por meio da educação socioambiental inspirada em Paulo Freire, é possível denunciar a emergência climática que impacta uma comunidade em situação de vulnerabilidade? Dentre as hipóteses da pesquisa, entendemos que uma narrativa construída por estudantes do quilombo Mata Cavalo possui condições de externar o imaginário quilombola sobre o colapso do clima e, por meio das manifestações de orgulho do local onde vivem, servir como vetor de resistência.

Além deste texto introdutório, o artigo está organizado de modo a estabelecer uma discussão teórica sobre os conceitos centrais do trabalho, dentre eles a pedagogia de Paulo Freire, apresentando a epistemologia antes de colocá-la em diálogo com os resultados e as inferências. A seção metodológica traz a demarcação conceitual da fenomenologia onírica de Gaston Bachelard e da Cartografia do Imaginário de Michèle Sato. Por fim, o texto se propõe a apresentação e discussão dos achados da pesquisa à luz da teoria consagrada.

AS LEITURAS QUE INSPIRAM A ESCRITA

Historicamente, de acordo com Neukom et al (2019), as oscilações pelas quais passa o clima respeitavam uma alternância entre períodos de temperaturas mais elevadas e interstícios mais frios, sem que uma conjuntura ou outra predominasse de forma hegemônica em todo o planeta em concomitância.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Contudo, as aferições climatológicas identificam que, do século XIX em diante, o cenário mudou (IPCC, 2019): é possível notar que o volume de gases de efeito estufa (GEEs) e, por conseguinte, as temperaturas estão em elevação e, diferentemente de antes, a escala é global. O outro elemento que distingue o momento atual daquele que antecede a Revolução Industrial é a causa do desequilíbrio climático: o ser humano (IPCC, 2014).

A Era do Antropoceno, principiada por volta de 1800, demarca a participação direta do ser humano na crise climática, já que todos os problemas originários da industrialização da economia vão impactar o meio ambiente. A partir de então, “os níveis de consumo energético aumentaram exponencialmente, gerando gases que ‘queimam’ a atmosfera da Terra e que trazem diversos impactos socioambientais (SATO et al, 2019, p. 3).

Por isso, o jornal britânico *The Guardian*, desde maio de 2019, trocou as expressões “mudanças climáticas” e “aquecimento global” por “colapso” ou “crise climática e “queima global”, para que, do ponto de vista semântico, fique claro que não se trata de uma ocorrência natural do planeta, e sim de origem humana (SANTOS et al, 2019, p. 90). Em 2019, “emergência climática” foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário de Oxford (SCHUESSLER, 2019).

Este fenômeno, portanto, consolida o elemento antrópico como fator que induz o aumento da temperatura, ocasionando prejuízos à vida na Terra. Entretanto, conforme Carvalho (2013), Leroy (2009) e Cidse (2009), dado que os efeitos da crise não são iguais para todos os indivíduos, as populações em situação de vulnerabilidade sofrem os maiores impactos.

O ideário de justiça climática, assim, enfrenta interdições, na medida em que as comunidades tradicionais, como pantaneiros, ribeirinhos, indígenas, migrantes, quilombolas, que vivem em áreas mais precárias e com reduzido acesso aos serviços públicos essenciais – a citar a saúde, no momento em que somos acometidos pela pandemia de Covid-19 –, tendem a sofrer mais danos, embora são os que menos contribuem para a conjuntura atual (RAMMÊ, 2012).

Em paralelo, a educomunicação socioambiental enseja a construção de arranjos informacionais por integrantes de comunidades tradicionais (SOARES, 2014), seja no âmbito do currículo escolar ou da educação popular, de modo a convergir moradores, estudantes, professores e gestores em torno de um projeto comunicacional que dê vazão às virtudes e dificuldades do território onde vivem.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

As comunidades são importantes espaços educativos para a formação da cidadania e sustentabilidade, pois a partir delas podemos entender o ser e a natureza, que muitas vezes se integram a partir de regulações socioambientais formadas pelas observações dos ciclos da natureza. Entendemos como sentido de comunidade não apenas o território físico definido, mas como o território compartilhado do saber local, da interação com o outro, da tradição e da simbologia. (MANFRINATE E SILVA & SATO, 2013, p. 2)

No caso específico desta pesquisa, o desenho informativo dos conteúdos produzidos na comunidade de Mata Cavalo foi concebido em perspectiva transmidiática (JENKINS, 2009; 2014). Identificando que a inteligência coletiva (LÉVY, 2015), a cultura participativa e o trabalho colaborativo ensejam premissas importantes da era da convergência (JENKINS, 2009), a narrativa transmídia compactua com a educomunicação socioambiental para a elaboração de um artefato comunicativo que pressuponha a integração entre saberes científico e tradicional.

Nesse sentido, a Educação Ambiental (EA) se propõe a forjar concepções pedagógicas que, além de inclusivas, privilegiam a construção conjunta do saber, compreendendo que as comunidades tradicionais detêm conhecimentos relevantes à ciência (SENRA, 2009). Além disso, a atuação da EA transcende os limites do senso comum, inserindo em seu escopo de dinâmicas não apenas as formas de vidas não pensantes, como também as pessoas em suas complexidades e conflitos.

A natureza não é para ser compreendida como algo presente à vida funcional ou utilitária, nem como um recurso ilimitado. É verdade que na floresta tem madeira, na montanha há uma pedreira, o rio gera energia, e o vento assopra as ondas de navegação. Mas este é um tipo de existência que se reduz na sua funcionalidade. É preciso descobrir outra essência da natureza, que mesmo revelada, guardará sempre algum mistério. Assim, a crise ambiental é também espiritual, e a natureza possui essências que podem aliviar as angústias existenciais (SATO, 2016, p.18).

Em razão disso, a educação popular de Paulo Freire (2013; 2014; 2018) se mostra convergente com os conceitos de transmidialidade, Educação Ambiental e Educomunicação (SOARES, 2014; GÓMEZ, 2014; MARTIN-BARBERO, 2014), no sentido de que é possível

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

instituir uma pedagogia que dimensione o papel de cada participante no processo de aprender e ensinar, sem que o afeto seja um valor difuso em tempos de pragmatismo científico.

Ao sugerir o diálogo e a co-participação na viabilização do conhecimento (FREIRE, 2014), o autor descreve que cada um de nós, o ser-mais (FREIRE, 2014), tem um saber estabelecido e outro a ser assimilado, encontrando, portanto, na colaboração entre os envolvidos nas dinâmicas de ensino-aprendizagem uma plataforma capaz de emancipar os flagelados do mundo.

OS CAMINHOS DA ESCRITA QUE A PENA PERCORRE

Dentre os aspectos metodológicos da pesquisa, destacamos aqueles de caráter filosófico, que inspiraram a nossa caminhada durante a pesquisa, e os de natureza procedimental, cuja contribuição se deu no âmbito dos recursos para obtenção de informações.

A fenomenologia onírica de Gaston Bachelard (1997; 2001; 2008; 2013) destaca que a “sublimação dialética” (BACHELARD, 2008) apresenta valores antagônicos e complementares, sendo esta lógica a responsável por conduzir as cogitações à procura do conhecimento. Caminhando entre pontos que se opõem, a nossa existência tem condições de traduzir o imaginário em saber. As referências bachelardianas, neste caso, são os quatro elementos da natureza, manifestados pela sua filosofia em sentido metafórico, mas que ganharam, no seio da educomunicação socioambiental da nossa investigação, contornos práticos no contexto da crise climática.

O imaginário quilombola sobre água, terra, fogo e ar foi exposto em conteúdos informacionais, que geraram uma narrativa sobre a comunidade em suas virtudes e dificuldades, e deu contornos à dimensão conceitual da educomunicação e da educação ambiental, elevando a potência latente da pedagogia freireana e já carregando consigo uma essência eminentemente democrática.

Soma-se a essas referências a Cartografia do Imaginário, proposta metodológica idealizada por Michèle Sato (2011), segundo a qual mais importantes do que os desfechos são os caminhos percorridos durante a jornada. A travessia, neste caso, é integralizada pelos partícipes em intercâmbio de conceitos e afetos, respeitando a diversidade que é salutar na vivência mutuamente construída por ciência e tradição (SATO, 2011; PALMA, 2011).

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Para tanto, as cartografias midiáticas – foto, áudio, vídeo e texto – contaram com a participação de 20 estudantes, entre 13 e 17 anos, dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda. A instituição fica localizada no quilombo Mata Cavalo, zona rural de Nossa Senhora do Livramento, município mato-grossense situado a 50 quilômetros de Cuiabá, capital do Estado. Em função do sigilo imposto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e em alusão à temática da nossa investigação, os participantes são identificados com nomes de redes sociais e aplicativos de mensagens.

Durante as formações, em outras dinâmicas do Gpea e em horários alternativos, os estudantes produziam registros sobre a comunidade em quatro argumentos midiáticos, que eram compartilhados em um grupo de WhatsApp e em redes sociais próprias. Ao final, 40 fotos foram publicadas no Instagram, quatro áudios disponibilizados no Spotify, dois vídeos no YouTube e os quatro textos no blog, cujos links estão disponíveis ao longo deste artigo. No caso específico da produção textual, os registros reproduzidos na íntegra figuram neste artigo na cor laranja.

Em azul, aparecem os depoimentos de alguns estudantes entrevistados. Dos 20 que integraram as cartografias, dez aceitaram participar do processo de entrevista, realizado na última fração da pesquisa de campo. As perguntas – abertas e em roteiro semiestruturado – procuraram versar sobre a validade de uma produção midiática genuína do quilombo e de que maneira se contextualizava no cenário de emergência climática vivido pela comunidade.

LÁPIS E PAPEL NA MÃO: HISTÓRIAS DE LUTAS E RIMAS

Tendo em conta que a pesquisa viabilizou uma cartografia para cada argumento midiático, visualizando adiante o estabelecimento da narrativa transmídia, o texto foi objeto da formação derradeira. Ele teve a tarefa de dar às imagens e aos sons aquilo que somente as palavras conseguem implementar. Inicialmente de caráter jornalístico, a produção textual resultante das cartografias acabou por trazer uma estética mais literária, o que, de acordo com o nosso entendimento, acabou sendo mais adequado ao contexto da comunidade.

O quilombo é um dos lugares reveladores de práticas e reconstruções de uma ancestralidade africana, de festas, de religião, de cultura, de educação, etc. Para além de espaços de fuga e resistência ao sistema escravista que também se configuraram em algumas comunidades negras, são territórios de práticas, reconstruções e

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

resiliências da cultura afro-brasileira, que agregaram elementos culturais ao Brasil. (GONÇALVES DOS SANTOS, 2015, p. 28)

Como os discentes, em muitas oportunidades, referiram-se a Mata Cavalo de maneira elogiosa, no sentido de enfatizar as qualidades do território onde vivem, era de se esperar que a escrita ocorresse nessa direção também. Com evidência, o texto literário é capaz de traduzir o belo com mais precisão do que o texto jornalístico, na perspectiva da notícia, cujo teor é puramente narrativo, e não descritivo.

Neste caso, concebemos que a alteração na condução da pesquisa, alheia ao planejamento do cientista, não apenas contribui para destacar a essência da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), como também enfatiza a concepção dialógica da pedagogia freireana (2014), na medida em que o autor defende a relação dialógica entre educador e educando, para que se busque um entendimento acerca do que é estudado por meio da comunhão de saberes.

Portanto, o diálogo, ao promover a democracia em sala de aula e em outros espaços, desfaz o autoritarismo das relações, que pode vir a ser reproduzido adiante por quem se sentiu oprimido. “Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disso, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo” (FREIRE, 2014, p. 227).

Convergindo com Paulo Freire, Soares (2014, p. 17) demarca a definição de educação, segundo a qual se trata de

[...] uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento do convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para ação.

Com a mudança gestada na troca de saberes, dos quatro textos que foram escritos – fora outros três produzidos por professoras que participaram das cartografias –, um deles pode

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

ser enquadrado no formato “crônica”³. Estilo textual inserido no gênero opinativo, a crônica é um híbrido entre jornalismo e literatura. Ao mesmo tempo em que concentra uma narrativa em bases literárias, o fato de que trata o texto e os nomes envolvidos são todos verdadeiros.

Um cerrado com pequenas árvores tortas e folhas secas caídas ao chão. Uma imagem bela que representa tanta história de um povo sofrido que não deixou de lutar pelo seu território, que foi tomado por fazendeiros grandes, que tiraram eles de suas terras. Onde o solo tem sangue e suor de muitos descendentes que sofreram para manter seu lugar para seus futuros filhos e netos. Um cerrado onde tem vários climas e segredos que muitas vezes nem são revelados por ser um hábito guardar seus costumes dentro de seus terreiros, onde tem cultura maior de vivência de um povo que planta com alegria, mas, ainda no fundo, com aquele medo de sofrer tudo que já passou. Orgulho de ser negro que vai à luta sem perder seus costumes e vivência de um povo feliz por estar em suas terras, de tempos que a fé era única solução para acabar com aquela angústia de dor e sofrimento. Sentados ao chão com armas em suas cabeças, único pensamento era rezar para seu protetor, um Santo com muita bênção.

(crônica escrita por Telegram)

No texto acima, compreendemos o vínculo que mesmo os mais jovens, como Telegram, autor da crônica, tem com a história de lutas e sofrimento dos quilombolas. Não só porque convivem ainda com os frequentes despejos⁴ que integrantes da comunidade sofrem, mas porque as ameaças e os enfrentamentos são muito presentes em um Estado como Mato Grosso, berço do agronegócio.

Embora a lógica territorial permeie os espaços urbanos, os limites estão mais esgarçados no campo, podendo imputar ao observador – cientista ou não – uma certa incompreensão do que ocorre dos dois lados da cerca. Esse aprendizado, que tenta processar as agruras e os gozos que perpassam uma comunidade quilombola, acaba por se manifestar na colaboração que existe entre os interlocutores que detêm saberes específicos – e, por isso, valiosos –, não totais em si – e, por isso, carecedores de alguém que os complemente.

³ A narrativa transmídia está disponível em http://semcensor.blogspot.com/2019/08/sobre-o-orgulho-de-ser-quilombola_8.html, mais especificamente a crônica no blog. Ao final do texto, há uma sugestão de link para acessar, via [Spotify](#), a “Canção do orgulho quilombola, material que complementa a narrativa da crônica.

⁴ Em outubro de 2017, nós presenciamos uma ação de despejo em Mata Cavallo. Com decisão judicial favorável, o fazendeiro que reivindicava a posse da terra ordenou a derrubada de nove casas de papelão e uma de alvenaria, amparado pela Polícia Federal e por Oficial de Justiça. No dia seguinte, os quilombolas tiveram decisão favorável, mas seria necessário levantar novamente as suas casas.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

A ação dialógica e a equação eu-outro-mundo permitem a aparição do ser-mais. “O humano⁵ é humano e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o humano, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação” (FREIRE, 2014, p. 103).

Ao começar o texto com uma característica da natureza do Cerrado, bioma que sedia o quilombo Mata Cavallo, Telegram recorre ao recurso utilizado por muitos estudantes no momento de registrar a realidade em que estão inseridos. Neste caso, faz uma analogia entre os troncos tortos e o histórico de sofrimento e lutas pelo território que lhes pertence.

O texto faz menção à terra, elemento muito presente nos registros em foto e vídeo, e também objeto de reflexão de Gaston Bachelard (2013). Nela, segundo Telegram, há sangue e suor. As duas ocorrências têm o caráter de pontuar a realidade, mas retrata, igualmente, o que foi toda a história do quilombo. Em relação ao sangue, subentendem-se aqui a escravidão e as violências de que foram e ainda são vítimas. No que tange o suor, está o trabalho implícito na menção do autor do texto.

A mão trabalhadora, a mão animada pelos devaneios do trabalho, envolve-se. Vai impor à matéria pegajosa um dever de firmeza, segue o esquema temporal das ações que *impõem* um progresso. Isso porque ela *só pensa apertando*, sovando, estando ativa. Se não é a mais forte, quando já se enerva por estar vencida, atolada, enviscada, deixa de ser uma *mão*, mas um invólucro de uma pele qualquer. (BACHELARD, 2013, p. 94 – grifos do autor)

Telegram dá sequência ao texto, falando da vocação com a terra e dos costumes e segredos muito peculiares aos povos tradicionais. O orgulho manifestado em fotos, vídeos e áudios está registrado também no texto, no que se refere à alegria de ser negro e quão valioso isso é. Finaliza a crônica fazendo referência novamente à violência, elemento muito presente no imaginário quilombola em função dos imbróglis fundiários.

Ficaram detectadas no texto de um morador do quilombo, estudante da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, as condições precárias que se situam no entorno do quilombo e que ameaçam vidas quilombolas. Tratando-se de uma população em

⁵ Pedimos licença poética ao Freire, que, com certeza, estará de acordo com nossas mudanças da linguagem sexista “HOMEM”, para uma política inclusiva do “HUMANO”.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

situação de vulnerabilidade, Mata Cavalo tem um desafio ainda maior frente à crise climática e às injustiças que ela traz consigo. Por isso, “os riscos ambientais têm limites e são sofridos pelos mais pobres, pelas classes subalternas. E, justamente porque são empurrados para os mais vulneráveis, tornam-se insolúveis, invisíveis, mas crescentes” (HERCULANO, 2002, p. 2).

Uma das principais pendências climáticas do atual contexto e objeto de atenção por parte da ciência é a escassez de água potável. Em Mata Cavalo, além dos riscos de poluição e assoreamento dos rios por causa da atividade garimpeira, a falta e a má distribuição hídrica são dramas vividos na comunidade. Assim, outros elementos mencionados como prejudiciais ou prejudicados são o fogo e o ar.

A gente se encontra em uma região de Cerrado, então todos os anos tem queimada. A queimada afeta muito, sim, mas um dos nossos maiores problemas é com relação à água. Porque a água direto falta. Lá onde eu moro não tem tanto esse problema, mas aqui em cima, na região da escola mesmo, tem esse problema, seca poço. Então, eu acho que a água atinge mais do que as queimadas.

(depoimento concedido por Whats)

O mais afetado é o ar por causa do fogo. Uma vez quase pegou fogo dentro porque eles tacaram fogo, e isso polui bastante o ar e a água também. A terra sofre prejuízo, mas não muito. Os mais prejudicados são o ar, em função das queimadas, e a água também, por causa dos rios. O fogo é muito usado, mas prejudicando o ar.

(depoimento concedido por Twitter)

A queimada [é o problema mais grave]. As árvores podem não morrer porque já têm a casca grossa. Mas, e os animais que estão ali? Eles não têm aonde correr. O mais preservado é o rio. O rio Mata Cavalo passa no fundo de casa, não há sujeira. Às vezes acha roupa, porque ele enche e traz a roupa das pessoas que estavam lavando. Muitas senhoras usam o rio para lavar roupa ainda.

(depoimento concedido por Face)

As queimadas são tidas como os maiores problemas da comunidade para nove dos nossos dez entrevistados. Ainda usadas como forma de limpar o terreno para o plantio, os mais antigos moradores recorrem ao artifício também como forma de tornar o solo mais fértil. Porém, nos meses de seca, o fogo ateadado prejudica bastante a qualidade do ar. “Para algumas imaginações materiais, o ar é antes de tudo o *suporte* dos cheiros. Um cheiro tem, no ar, um infinito” (BACHELARD, 2001, p. 137 – grifo nosso).

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Durante o inverno, em que a estiagem prevalece na região Centro-Oeste do país, a escassez de água se soma ao problema do desmatamento e das queimadas, gerando doenças respiratórias, que são aprofundadas pela distância do centro urbano e a limitação dos serviços de saúde. Em contexto pandêmico, as populações em situação de vulnerabilidade acabam por enfrentar os maiores impactos da crise.

Outro elemento mencionado nos depoimentos acima é a água. Mata Cavallo vive uma contradição, e o cenário de colapso climático aprofunda ainda mais essa deficiência: o território é cortado por rios e córregos, mas há escassez de água em alguns locais, o que pressupõe fornecimento irregular dentro do próprio quilombo. Enquanto nos dois primeiros depoimentos a água é apontada como um problema grave a ser resolvido, a última declaração é em tom elogioso ao rio.

Por tal motivo, conforme Bachelard (1997, p. 144), “sentimos que as metáforas da limpidez e do frescor têm uma vida assegurada quando se ligam a realidades tão diretamente valorizadas”. Já nas duas primeiras apreciações, pontuando a água como um déficit do quilombo, a poluição do rio pode ser depreendida não só das queimadas, como também da atividade de garimpo.

As ambivalências oníricas bachelardianas nos socorrem e explicam a complexidade da situação pela qual passa uma comunidade quilombola de Mato Grosso. “Quem não sente, por exemplo, uma repugnância especial, irracional, inconsciente, direta pelo rio sujo? Pelo rio enxovalhado pelos esgotos e pelas fábricas? Essa grande beleza natural produzida pelos homens provoca rancor” (BACHELARD, 1997, p. 143).

Durante a realização da pesquisa, a alternância entre falar e ouvir, entre conceituar e fazer, entre refletir antes e após a produção, foi o esboço da nossa passagem por Mata Cavallo no primeiro semestre de 2018. Aproveitando o lastro concedido pela tradição de investigação do Gpea, pelos aspectos metodológicos que caracterizam a pesquisa e os parâmetros da educação não formal, este trabalho transita pelas nuances da pedagogia freireana.

O autor não hierarquiza importância entre teoria e prática. Ao sustentar a práxis, pois, “sem ela, é impossível a contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 2014, p. 52), o pensador atribui valorização equiparada entre epistemologia, empiria e reflexão. Assim, o conhecimento não se constitui fora da ciranda, à mercê de qualquer negação de uma das três pontas. Prática sem teoria é técnica; teoria sem prática é retórica; ambos sem reflexão é alienação.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Educador e educando, mutuamente, ensinam um ao outro, cientes de que “a educação autêntica (...) não é de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p. 116 – grifo do autor), tomando ainda que “a existência dos seres humanos se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente” (FREIRE, 2014, p. 124).

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos. (FREIRE, 2013, p. 68)

Mesmo sendo a mídia a aparecer em menor quantidade, o nosso reconhecimento da importância da escrita em uma cartografia como a desenvolvida transcende o texto como elemento da narrativa transmídia. Em experiências anteriores a esta pelas quais enveredamos, observamos que o rendimento dos estudantes na redação aumentou, dados relatados pelos gestores das escolas nas quais desenvolvemos cartografias semelhantes à deste estudo.

Podemos não só desenvolver a nossa participação dentro do grupo, como também na escrita. Ao ver uma coisa na comunidade, pode-se escrever sobre ela. Isso desenvolveu bastante, não só a mim, como outros alunos também. Twitter e Snapchat fizeram vários poemas, juntamente com a gente nas oficinas. Isso ajudou a gente a desenvolver a nossa escrita, a elaborar o que a gente entende e vê. **(depoimento concedido por Insta)**

Os poemas aos quais Insta se refere são outras duas contribuições dos estudantes no processo de produção de texto. O estilo jornalístico, marcado pela dureza e frieza da sua narrativa noticiosa, foi substituído pela melhor fluidez da escrita literária, que é mais condizente com o local em que pesquisamos e, por intermédio de outros registros, com a tendência dos estudantes de apresentarem as virtudes naturais do quilombo.

O primeiro deles foi escrito pela estudante Twitter em parceria com a professora Michèle Sato. O poema⁶ faz uma abordagem sobre os quatro elementos, pontuando a preocupação com as intervenções antrópicas na natureza.

⁶ A narrativa transmídia está disponível em <http://semcensor.blogspot.com/2019/08/o-clima-e-nossa-inspiracao-6.html>, mais especificamente o poema no blog. Ao final do texto, há uma sugestão de link para acessar, via [Youtube](#), vídeo do pôr-do-sol e os sons da natureza, material que complementa a narrativa do poema.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

AR - aquele que respiro.
Principal em minha vida,
mexe minha alma,
equilibra meu corpo.

Dá vida a todo ser vivo,
canta na água,
pinta na terra,
dança no fogo,
emoldura no ar.

Aquele transparente,
que faz as asas baterem,
os cabelos levantarem,
com força e com delicadeza.

Aquele responsável
pelo equilíbrio dos corpos
em movimento e repouso.

Aquele que faz todos viverem,
mas que nem todos conseguem ver.

O clima e os fenômenos
exigem cuidados,
sem desmatamento da natureza,
sem poluição das águas,
sem destruição dos humanos.

Vamos cuidar da Terra,
contra os dragões do vento,
nas brisas da esperança.

(poema escrito por Twitter e Michèle Sato)

Estão presentes no poema as ambivalências propostas por Bachelard ao longo de toda a sua fenomenologia dos elementos. Identifico isso tanto na conjugação do ar com os outros três elementos – terra, fogo e água – como nas próprias capacidades que tem: força e delicadeza, movimento e repouso.

O outro poema⁷, escrito por Snapchat em uma das cartografias desenvolvidas na escola, fala de esperança, valor tão retratado pelos quilombolas nas cartografias da água e da terra. Esperança, entendida aqui, no seu sentido mais elementar: estado de espírito de que as coisas melhorem. A questão fundiária e tudo o que habita o seu entorno, como os atos de despejo e violência, moldam no imaginário quilombola um grito por uma vida melhor (figura 2).

⁷ A narrativa transmídia está disponível em http://semcensor.blogspot.com/2019/08/rituais-aos-climas_6.html, mais especificamente o poema no blog. Ao final do texto, há uma sugestão de link para acessar, via [Instagram](#), galeria de fotos sobre o elemento ÁGUA, material que complementa a narrativa do poema.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Figura 2: Rituais aos climas

A vida que traz,
Vida que leva
Rituais bem-feitos.

A esperança que mais uma vez
Nos traz com o que faremos,
Como faremos.

Aquele povo que mais uma vez acredita,
Que faz sentido, que tudo acredita
Que vê e muito mais, ele sente,
Não mudou.

E a conexão com os rituais forma o que eles
são,
Seja ele feito ao sol, à chuva, ao frio, à
primavera
A maior importância e o que deve ser feito se
fez.

(poema escrito por Snapchat)



Fotografia de Insta (arquivo dos pesquisadores)

Aqui, de acordo com as nossas inferências, a esperança está colocada no sentido freireano: em vez de esperança do verbo “esperar”, esperança do verbo “esperançar” (FREIRE, 2013b). Na esperança que deve ser preservada, agindo, gritando, lutando. Independentemente do tempo, ela perdura entre “vida que traz, vida que leva”, seja com “sol”, “chuva”, “frio” ou “primavera”. O histórico de embates, perdendo ou ganhando, nunca se condicionou a uma conjuntura do tempo, e depreendemos deste trecho que o quilombo não recuará ante as agonias climáticas, resistindo às injustiças que toda população em situação de vulnerabilidade irá sofrer cada vez mais.

O último texto produzido⁸ foi uma espécie de carta de gratidão.

⁸ A narrativa transmídia está disponível em http://semcensor.blogspot.com/2019/08/carta-ao-gpea_11.html, mais especificamente a carta no blog. Ao final do texto, há uma sugestão de link para acessar, via [Instagram](#), galeria de fotos sobre o elemento AR, material que complementa a narrativa da carta.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Figura 3: Eu vejo flores em você

Assim como esse vento da vida pode bater em mim por meio de pétalas lindas, ele trouxe para mim amizades vivas e inesquecíveis.

É engraçado como as coisas acontecem: pessoas que jamais imaginava conhecer fizeram, em mim, flores brotar e crescer.

Pessoas incríveis, que me transmitiram essas sensações com sorrisos, abraços, fotografias, poesias, músicas, palavras e olhares... e
CLIMA!

Obrigada vocês, pessoas lindas, por trazerem um colorido novo em minha vida.
(carta escrita por Twitter)



Fotografia de Face (arquivo dos pesquisadores)

Em agradecimento ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (Gpea), a estudante Twitter compôs um texto como forma de retribuir os processos formativos realizados em Mata Cavalo, desprezando a máxima de que quando se propuseram a aprender, ensinaram também. Em direção convergente, Freire (2013a, p. 57-58) aponta que

Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O humano⁹, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como novo saber.

Outra vez, vemos a referência a elementos da natureza, como ventos e pétalas, estas tão retratadas por ela em fotos, a sua mídia preferida. Faz menção também a flores e o verbo

⁹ “homem” por “humano”.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

“brotar”, muito caro a populações tradicionais e comunidades rurais, como é Mata Cavalo. Ao expor o imaginário de uma população rural, que se distingue do ambiente em que vivemos, a ação dialógica e a equação eu-outro-mundo permitem a aparição do ser-mais. “O humano é humano e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o humano, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação” (FREIRE, 2014, p. 103).

Ao que nos parece, não só pelo texto, mas pelos demais e também em virtude dos outros registros – a maioria deles fora desta tese diante do volume de material reunido – é que a Educação Ambiental em aliança com a comunicação pode semear bons frutos quando se encontram com jovens dispostos a fazer a diferença, não na relação com o mundo, mas no quintal da própria casa.

Essa participação ativa das crianças, adolescentes e jovens no processo de produção midiática tem demonstrado consequências interessantes. Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local. (SOARES, 2014, p. 31)

Mas, acima de tudo e talvez sem perceber, a escritora assimilou a essência do Gpea e das intervenções que costuma fazer, seja em Mata Cavalo ou em qualquer outro espaço de Mato Grosso: amizade, sensações, sorrisos, abraços, cores. A concepção de Educação Ambiental que temos é justamente esta. De forma sucinta e direta, “não se trata de olhar o mundo de forma física, por meio de pupilas, cores ou intensidade do brilho, pois a luz que a janela enxerga vem da ontologia do espírito, provavelmente constituída de conceitos e de afetos” (SATO, 2016, p. 3).

Ao entender que as atividades trouxeram conhecimentos os quais desconhecia, não se atentou ao fato de que os cientistas do Gpea levaram do quilombo aprendizados que jamais se perderão. Este estudo herda e, ao mesmo tempo, homenageia essa vocação do Grupo Pesquisador e encara o território quilombola de igual para igual, ciente de que tem o conhecimento acadêmico a oferecer em retribuição à sabedoria tradicional, reconhecendo a complementariedade de ambos. Como enfatiza Senra (2009, p. 69), atuar em conjunto faz

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

“com que a pesquisa se torne também uma forma de construção de conhecimentos, de luta e de resistência para que sociedades sustentáveis sejam possíveis”.

Enquanto na teoria antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica um sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase “coisa”, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração. (FREIRE, 2014, p. 226-227)

Assim, o texto fecha o circuito transmídia produzido pelos estudantes, como forma de dar visibilidade ao quilombo, pois as empresas midiáticas, mesmo as locais, não conseguem ou não querem fazer o trabalho de noticiar o quilombo e a crise climática. Para a construção do ecossistema comunicativo, a educação popular ofereceu à educomunicação socioambiental as condições para jovens da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda criarem uma narrativa capaz de comunicar as virtudes naturais do quilombo, os dramas de uma comunidade em conjuntura de risco gerados pela emergência climática ou por embates fundiários e, por fim, os movimentos de resistência de um povo acostumado a lutar.

ASSINANDO EMBAIXO

Todo contexto de crise impacta a sociedade como um todo, mas os efeitos serão sentidos em proporções diferentes, em respeito às castas socioeconômicas que compõem as populações do mundo. Nesta equação, as variáveis são as classes. A constante, aquela que explica a distinção nas condições de enfrentamento, é o capitalismo. A crise sanitária que vivemos há mais de um ano tem origem na emergência climática, à qual é preciso resistir para que a humanidade não sucumba.

A pesquisa em tela teve como objetivo apresentar e discutir parte dos resultados levantados pela pesquisa de Doutorado intitulada “Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavallo”, defendida em novembro de 2019 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A tese se sustenta na construção de uma narrativa transmídia, que é composta por fotos, áudios, vídeos e textos produzidos por estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda. Tendo como pano de fundo os quatro elementos da natureza,

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

manifestados por Gaston Bachelard no percurso metodológico da investigação, os registros se incumbiram de denunciar o colapso climático vivido por uma população em situação de vulnerabilidade e as manifestações de resistência dos quilombolas, invisibilizados que são e estão pela mídia tradicional.

A pergunta que guiou o estudo, limitado à produção textual da narrativa, foi: é possível denunciar a emergência climática em uma comunidade em situação de vulnerabilidade, por meio da educomunicação socioambiental, cuja referência maior seja Paulo Freire? Com o desfecho da investigação, identificamos que a nossa hipótese inicial foi confirmada, qual seja: uma narrativa construída por estudantes quilombolas – neste caso, por meio de argumentos textuais – reproduz o imaginário da comunidade sobre a crise climática, atuando no sentido de tornar visíveis as manifestações de resistência.

Notamos que a produção textual, que figura no centro desta discussão, trouxe os impactos climáticos que afetam o quilombo, a questão fundiária que pontua os conflitos pela terra, a resistência histórica dos descendentes de escravos que defendem a legalidade de pertencerem àquela terra, além do caldo de cultura que entorna a comunidade em seus aspectos artísticos e tradicionais.

Ao contrário da nossa previsão inicial, que postulava uma produção de texto aos moldes do formato jornalístico, os participantes da pesquisa optaram pela estética literária, o que, a nosso ver, permitiu que o imaginário do quilombo se manifestasse em rimas e versos, bem ao feitio da dimensão poética que caracteriza a pesquisa. Do ponto de vista quantitativo e na comparação com outros registros, foram apenas quatro relatos textuais. No entanto, sob o aspecto qualitativo, os materiais trouxeram informações relevantes sobre as temáticas da investigação, dando-nos uma compreensão mais ampla da realidade de Mata Cavalo.

Ponderamos também que os preceitos de Paulo Freire, presentes ao longo de toda a pesquisa, desencadearam uma simbiose entre pesquisadores e participantes, a ponto de viabilizar a troca de saberes e a construção de um conhecimento mais alargado, diverso e democrático. Com base no diálogo, o que se viu em Mata Cavalo foi a comunhão entre tradição e ciência, tendo nos poemas, poesias e crônica produzidos, além dos outros conteúdos midiáticos, uma possibilidade para levar as forças e angústias do quilombo para além das fronteiras de seu próprio território.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Este artigo e nosso envolvimento são movimentos iniciais de uma reflexão que precisa ser alongada e estendida a outros pesquisadores e comunidades que povoam os confins do Brasil. Se a situação de vulnerabilidade a que estão submetidas essas populações preocupa pelas vidas humanas e não humanas envolvidas e postas em risco pela emergência climática, ou pela Covid-19, outras realizações no âmbito da educomunicação e da educação ambiental podem marcar posição na resistência cada vez mais necessária.

É provável que os estudos de especialistas no clima não sejam otimistas em relação à saúde planetária. Sem reivindicar o título de “profetas do apocalipse”, se não temos motivos para celebrar esta pandemia, tampouco esta política negacionista que faz desdém da saúde de milhões de pessoas. Nunca foi tão marcante a interdependência das ciências com a política, demarcada por um período de ascensão da ultradireita que despreza o conhecimento, a ética e a vida. Contudo, no limiar de nossa agonia, o pessimismo escapa pelos vãos de nossos dedos. Remanesce, eloquente e sempre, o desesperado grito de esperar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Tradução: Paulo Neves. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 4.ed. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARVALHO, S A de. A justiça ambiental como instrumento de garantia dos Direitos Fundamentais Sociais e Ambientais no Estado Transnacional. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.8, n.2, 2º quadrimestre de 2013. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/5468>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

Ensino, Saúde e Ambiente - v. 14 n. esp. (2021): Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade, p. 487-511.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b. FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 48.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. GÓMEZ, Guillermo O. **Educomunicação**: recepção midiática, aprendizagens e cidadania. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

GONÇALVES DOS SANTOS, E. **Labirinto de gênero e ambiente**: diálogos com alguns jovens quilombolas da comunidade de Mata Cavalo, 2015. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/bitstream/1/116/1/DISS_2015_Elizete%20Gon%C3%A7alves%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate Change 2014**: Synthesis Report. Disponível em: <https://ar5-syr.ipcc.ch/ipcc/resources/pdf/IPCC_SynthesisReport.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

INTERGOVERNMENTAL PAINEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Chapter 2**: Land-Climate Interactions. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/08/2c.-Chapter-2_FINAL.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

JENKINS, H. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Tradução: Suzana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEROY, J P. **Justiça climática, um direito humano negado**. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/DV43_artigo1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. 10.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

NEUKOM, R et al. No evidence for globally coherent warm and cold periods over the preindustrial Common Era. **Nature**, vol. 571, jul. 2019. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41586-019-1401-2.epdf>>. Acesso em 18 mar. 2021.

PALMA, S. **Cartografia do imaginário**: a dimensão poética e fenomenológica da educação ambiental. Dissertação de Mestrado. Cuiabá-MT: UFMT, 2011. Disponível em:

Ensino, Saúde e Ambiente - v. 14 n. esp. (2021): Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade, p. 487-511.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

<<https://onedrive.live.com/view.aspx?cid=17DC7D667214610D&resid=17DC7D667214610D%21359&app=WordPdf>> . Acesso em: 24 jun. 2021.

RAMMÊ, R S. A política da justiça climática: conjugando riscos, vulnerabilidades e injustiças decorrentes das mudanças climáticas. In **Revista de Direito Ambiental**. Vol. 65/2012. Jan/2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/12656334/A_JUSTI%C3%87A_AMBIENTAL_E_SUA_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_PARA_UMA_ABORDAGEM_ECOL%C3%93GICA_DOS_DIREITOS_HUMANOS>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SANTOS, D et al. Colapso climático no olho do furacão. In: WERNER, I.; SATO, M.; SANTOS, D. (Orgs.) **Relatório Estadual no. 5, 2019 do Fórum de Direitos Humanos e da Terra**. Cuiabá: Fórum dos Direitos Humanos e da Terra & Associação Antônio Vieira, p. 90-96, 2019.

SATO, M; OLIVEIRA, H; TAFNER, A; WERNER, I. Para não dizer que não falamos das flores. In: RAYMUNDO, H.; BRANCO, E.; BIASOLI, S.; SORRENTINO, M. (Orgs.) **Avaliação e monitoramento de políticas públicas de educação ambiental no Brasil: transição para sociedades sustentáveis**. Brasília: FUNBEA & ANPPEA, 2019.

SATO, M. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Edição Especial, 10-27, 2016. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5957/3680>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

STEIN, C *et al.* The COVID-19 Pandemic in Brazil: Institute for Health Metrics and Evaluation projections and observed evolution, May-August, 2020. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 30(1): e2020680, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/MjhYmB6xZLFkMMJbY8tP8ZK/?lang=en&format=pdf>>. Acesso em 24 jun. 2021.

SCHUESSLER, J. **Oxford names ‘Climate Emergency’ its 2019 World of the Year**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/11/20/arts/word-of-the-year-climate-emergency.html>>. Acesso em 24 jun. 2021.

SENRA, R E. F. **Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do Quilombo Mata Cavallo**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá-MT: UFMT, 2009. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/view.aspx?cid=17DC7D667214610D&resid=17DC7D667214610D%21362&app=WordPdf>>. Acesso em 24 jun. 2021.

SOARES, I de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

SOBRE O AUTOR E SOBRE A AUTORA

THIAGO CURY LUIZ

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (Marília: 2007), mestre em Comunicação (Marília: 2010) e doutor em Educação (Cuiabá: 2019). É professor adjunto do Departamento de Comunicação Social e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Integra o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) e a Rede Internacional de Pesquisadores em Justiça Climática e Educação Ambiental (REAJA). Principais áreas de atuação: Emergência climática, educomunicação socioambiental, desinformação e jornalismo. E-mail: thcluiz@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>

MICHÈLE SATO

Licenciada em Ciências Biológicas, mestre em Filosofia, doutora em Ciências, com 3 estágios de pós-doutorado em Educação. É docente titular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e pesquisadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA). É coordenadora da Rede Internacional de Pesquisadores em Justiça Climática e Educação Ambiental (REAJA). Principais áreas de atuação: educação ambiental, artes, emergência climática, direitos humanos e epistemologia popular.

E-mail: michelesato@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9834-4642>